

As Fadas não Usam Batom¹

Não me esqueci de nada, pai.

Tinha seis anos e seguia-te pelo areal, a caminho das rochas de Buarcos. Cambaleante, tentava fazer coincidir as minhas pegadas com as tuas. Era uma tarefa impossível, já se vê. Tropeçava, caía e barafustava:

— Mais devagar!

A meio da viagem, parávamos para recuperar o fôlego e lançar seixos às ondas.

— Ó pai, ensina-me a atirar!

— Escolhe uma pedra aplainada, nem muito grande, nem muito pequena.

— Esta serve?

— Perfeitamente, Alice. Segura na pedra assim — mostravas —, só com o indicador e o polegar. Ganha balanço... Um, dois, três, atira!

O teu seixo saltitava sobre a água várias vezes, antes de desaparecer. A minha pedra era mais desastrada e afundava-se ao segundo pulo.

Continuávamos o passeio, entre os despojos da maré, em busca de garrafas vazias, lançadas borda fora pelos pescadores. Logo que descobria uma, desenterrava-a e observava-a contra o sol. No entanto, para meu desapontamento, estas nunca traziam mensagens de ilhéus náufragos, como nos livros do Robert Stevenson.

— Outra que está vazia, pai...

— Continua à procura, Alice. Um dia ainda encontras um mapa do tesouro.

Agosto era o meu mês favorito, pela agitação que implicava. Um enxame de turistas portugueses e espanhóis descia à praia e erguiam-se mil e um toldos para os receber. Com eles, chegavam os bonequeiros e os robertos, com todo o seu parafernália mágico. Levantavam a tendinha, feita do mesmo pano das barracas, puído pelo calcorrear de tanto litoral.

O diretor da companhia de marionetas agitava uma pandeireta e gritava:

— Venham ver, meninos e meninas! O maior circo de robertos do mundo!

A criançada arrastava os papás e as mamãs, pela mão. Sentavam-se na areia, em frente à tendinha, e aguardavam, com um brilho de excitação nos olhos.

— Ainda falta muito para começar, pai?

— Olha, já estão a puxar as cortinas!

¹ Mancelos, João de. "As Fadas não Usam Batom". *XI, XII, XIII Prémio Joaquim Namorado: Contos Premiados*. Org. Câmara Municipal da Figueira da Foz. Figueira da Foz: CMFF, 1996. Este conto viria a ser incluído no meu livro de histórias *As Fadas Não Usam Batom*. 1ª ed. Coimbra: A Mar Arte, 1998; 2ª ed. revista e com seis novos contos, Lisboa: Nova Vega, 2004.

Os robertos apareciam na janela da tendinha, como se brotassem de uma cave onde nós sabíamos (mas fingíamos ignorar) que os bonequeiros se afadigavam a insuflar-lhes vida. O espetáculo era sempre o mesmo: cenas de faca e alguidar, de amor e raiva, de malvadez e justiça. O boneco mau — um homem barbudo — raptava a amada do bom, e levava-a para um castelo de contraplacado. Após muitas peripécias, o herói pegava numa colher e dispensava ao vilão um enxerto exemplar. A garotada entrava em apoteose, claro, os seus risos e gritos misturados com o piar das gaivotas.

— Bate palmas, Alice! — dizias-me.

No final do espetáculo, uma bonequeira serpenteava por entre os espectadores, com um chapéu de palha estendido, onde deixavas uma moeda. E eu sorria-lhe, grata por aquelas pequenas vidas de madeira e pano que ora se amavam, ora se desancavam.

Terminávamos a passeata já em Buarcos.

— Olha a bolachinha! — gritava o vendedor, com o cilindro branco às costas. — É para o menino e para a menina! Chorem, que os papás pagam!

— Tenho fome, pai!

Como estava na hora do lanche, chamavas o homem da bolacha americana. Por uma moeda vias como eu me debatia com aquela meia-lua, as migalhas caindo desperdiçadas sobre a areia.

Passaram-se alguns Verões e, um dia, acordei diferente. Tinha quase treze anos, a maré entrara dentro de mim, e transformara-me numa mulher. Para trás, ficaram as passeatas a dois, as garrafas sem mapas de tesouro e os bonequeiros. Em vez de te confidenciar tudo, como outrora, escondia os segredos e os dramas da adolescência num diário. Guardei os peluches no sótão, faltava ao beijo de cada noite, e esquecia-me de te pedir a bênção.

Agora, estudava as formas do corpo, em frente ao espelho, e experimentava o batom e o *rouge*. Quando dormia em casa das colegas, conversava sobre sexo entre cigarros e risinhos. Dava os primeiros beijos, atrás do ginásio, frescos como o sabor da chuva:

— É fácil! — explicava-me a Lara, a minha melhor amiga. — Aproximas-te, poisas uma mão no pescoço do rapaz, fechas os olhos, entreabres os lábios, e metes a língua na boca dele.

Gostava de correr sozinha pela praia, em Outubro, numa gincana por entre algas, seixos, e conchas partidas. Foi assim que dei com a *troupe*: um punhado de jovens na casa dos vinte anos, magros, vestidos de negro, com marcas de sal na bainha das calças.

Um deles, Claude, veio ter comigo e perguntou:

— “Comment est-ce que tu t’appelles, jeune-fille”?

O meu Francês, aprendido na escola ou com alguns turistas, no Verão, era pouco mais do que o suficiente para o compreender:

— Alice, chamo-me Alice.

— Ah, Alice... — murmurou e repetiu para os outros.

— “Moi, je suis Claude”. Os meus amigos: Marc, Pierre, Jean, Louis et Loïc, os gémeos. És destes lados?

— Sim, sou da Figueira da Foz.

— Sabes de algum sítio onde se possa comer?

Acenei que sim. Havia uma casa simples, onde podiam escolher um prato de sardinhas ou caldeirada, se preferissem.

— Não é caro, nem longe daqui — adiantei.

Eles entreolhavam-se e procuravam decifrar nos meus lábios o significado das palavras mal apanhadas. Claude cofiou a barba e pediu-me:

— Se nos pudesses levar lá...

Guiei-os pela praia.

— Somos um grupo de estudantes de teatro — disse Claude. — Andamos pela Europa, à custa das bagatelas que vamos recebendo pelo trabalho.

Representavam um pouco por todo o litoral: nas praças, nas casas do povo, nos armazéns de bacalhau — onde quer que um palanque pudesse ser erguido e uma peça levada à cena. Lembrei-me dos bonequeiros da minha infância, e devolvi-lhe o sorriso.

Subimos à estrada, e deixei-os numa casa de pasto.

— “Merci bien, jeune fille! Au revoir!”

— Adeus, Claude!

Por cima do ombro, espreito Claude uma última vez, e sigo caminho, apaixonada. Nas tardes seguintes, eu e a Lara, passeámos pela praia, em busca deles, como sacerdotisas à espera de uma epifania. Um dia, no regresso a casa, a Lara puxa-me a manga e grita:

— Olha!

O cartaz anunciava *Les Âmes Damnées*, no Teatro Cara Direitas, uma sessão apenas. Perdi o fôlego:

— Lara, achas que os pais me deixam ir?

— Podes sempre tentar.

— Mas é à noite e só tenho catorze anos!

— Ora, diz-lhe que vais comigo e que a peça dura pouco.

Ao serão, aproximei-me de ti, pai, com as falas bem estudadas.

(Alice vem à boca de cena.)

ALICE: Pai, amanhã vai haver uma peça de teatro no Caras Direitas. É para todos. A Lara diz que me acompanha...

(O pai ergue os olhos do jornal. Semiobscuridade sobre a filha, luz intensa sobre ele.)

PAI: Uma peça? A que horas é, Alice?

(Alice enumera, rapidamente, uma série de argumentos.)

ALICE: Às nove e meia da noite, pai. Mas é uma peça curta. Acaba cedo e a Lara vem trazer-me a casa. E depois, há tanto tempo que não vou a lado nenhum e é uma maneira de treinar o meu Francês, porque os atores...

(O pai dobra o jornal. Levanta-se e atravessa o palco. Esmaga um cigarro no búzio que faz as vezes de cinzeiro.)

PAI: Nove e meia... é tarde... E na segunda-feira tens aulas de manhã.

(Escuro em todo o palco. Alice segura no braço do pai e suplica.)

ALICE: Vá lá, pai... Uma vez não são vezes. Já sou crescadinha.

PAI: Não, já disse que não: é muito tarde.

(Alice recua, o rosto fita as tábuas, e volta à marcação inicial, junto da porta da sala. Hesita por um instante. Depois, sai de cena.)

Não podias afastar-me do destino, pai. Às vezes, o rocambolesco da situação ainda me faz rir. Nessa noite, deitei-me mais cedo, fingindo estar indisposta. Por volta das nove horas, abri cautelosamente a janela do quarto e saltei para a rua, com os joelhos a tremerem. A Lara aguardava-me, tão excitada quanto eu, ao pé de um candeeiro.

— Já compraste os bilhetes, Lara?

Esboçou um sorriso malandro e exibiu um par de entradas.

— Embora!

Parecíamos duas patetas, a correr de mãos dadas, ao longo da estrada que ladeava a baía

da Figueira da Foz. Ao chegar ao Teatro Caras Direitas, aguardámos, impacientes. Receávamos que alguém nos reconhecesse e te contasse. Fingimos interessar-nos pelos *westerns* a exhibir — o inevitável Bud Spencer e o Omar Shariff, nos principais papéis.

— Vê-me isto! — exclamou a Lara.

Trocámos olhares ao ler o aviso sob os cartazes de uma película francesa:

— “Dada a natureza eventualmente chocante das cenas deste filme, não se exibem fotografias”. Este deve ser fresco...

Por fim, o funcionário abriu a porta, cortou o canhoto aos bilhetes, e deixou-nos entrar. Sentadas na plateia, cochichávamos, para matar o tempo que passava a conta-gotas. Pouco a pouco, o público foi chegando e ocupou quase todos lugares. Então, o homem do reóstato baixou as luzes. Ao som de uma toada de flauta, levantou-se o pano e a peça principiou. De imediato, reconheci Louis e Loïc:

— São os gémeos!

Cabriolaram por entre uma floresta de árvores de contraplacado, vestidos de faunos mais ou menos pudicos.

Depois, entrou Claude.

— É ele, Lara! — quase gritei. Da fila de traz fizeram-me *chiu!*

— É um pêssego, Alice!

— Tenho bom gosto, não tenho? — pisquei-lhe o olho.

A voz de Claude encheu o espaço, viril, enquanto recitava alguns versos num Português arrastado. Imaginei-o a fitar-me — apenas a mim — e a dedicar-me a atuação.

Os tamborins ressoaram no meu estômago; fiquei tonta com o voltar dos faunos; rejubilei com a batalha entre Jean e Claude, que esgrimiam espadas cobertas a folha de prata, e disputavam um Pierre travestido. Rimo-nos de todo aquele jogo de fingimento, e deixámo-nos conduzir para um mundo onde podíamos ser quem quiséssemos.

Naquela noite, pai, escreveu-se a minha primeira página. Soube-o quando a peça acabou e a Lara me acompanhou até à janela da minha fuga, faz hoje mais de vinte anos.

— Já me decidi! Quero ser como o Claude, quero ser atriz.

— Mas tu estás tola? — bichanou-me ela. — A tua mãe nunca te deixará!

— Ora, porquê?

— Ser atriz é coisa de galdérias. Ouvi dizer que nos bastidores é uma pouca-vergonha, perde-se a decência, as mulheres maquilham-se e usam batom!

Calei-a com um beijo. Era inútil tentar dissuadir-me, porque, naquela noite, eu mordera o fruto do teatro.

Não foi fácil concretizar o sonho. Recordo-me das discussões acesas que tive contigo, pai.

De ouvir os mesmos argumentos prevenidos da Lara. Da revolta e das lágrimas contidas. Dos professores que não percebiam por que razão a filha de uma pequena cidade queria correr pelos palcos do mundo. Da camioneta que me levou para longe do litoral, numa nuvem de pó, os meus olhos inquietos a procurarem-te entre os que ficavam na estação, para que tudo o que nunca conseguimos dizer pudesse, finalmente, ser desatado.

Porém, não te despediste — nem uma bênção, nem uma palavra, nem uma carta. Parti rumo ao sul, com um bilhete de ida, alguns contos no bolso, e um beijo que a minha mãe me deu à pressa.

E cá estamos, pai, vinte anos depois, frente a frente, numa mesa de café, em Buarcos. Um daqueles em que as moscas são pontualmente electrocutadas; um cão amarelo dormita ao sol; e os homens encostam o rádio ao ouvido para escutarem o Porto-Benfica.

— Emagreceste, Alice — dizes.

Apetece-me confessar que nunca te vi tão definhado. Em vez disso, murmuro:

— Calhou estar em Buarcos, e quis ver-te.

— Fico contente. Passaram-se muitos anos.

— Talvez demasiados, pai.

— Tentei contactar-te. Queria falar contigo.

— Eu andava sempre ocupada, sempre longe, pai...

— O cancro está a roer-me.

Sinto um baque no estômago:

— Não sabia...

— Há redes sem conserto.

Apetece-me segurar-te na mão, levar-te em busca dos bonequeiros, ver se as minhas pegadas já coincidem com as tuas, no areal. Tateias a camisola de pescador, em busca do inchaço onde estará o maço de cigarros. Por um instante, equivoco-me: talvez procures o coração, para mo dares.

— Já não tenho muito tempo de vida, Alice. Preciso de dizer isto: fiz mal em afastar-te do teatro.

— Isso foi há muito tempo, pai... Deixa lá.

— Agora és uma atriz famosa — dizes, com orgulho. — Às vezes, leio acerca de ti, nos jornais.

Se me tivesses visto, há uns anos, lá no sul, pai... Na minha estreia, fiz de Julieta. Vestida numa túnica da primeira comunhão, como um anjo, suspiro à janela. E o Romeu (que na vida real é empregado na *Barbearia Moderna*), lá em baixo, de joelhos, amaldiçoa os Capuletos. Tudo sob o olhar cor-de-rosa das donzelas da vila, numa Sexta-feira à noite, no salão dos bombeiros.

O Zé da mercearia, o ponto, bichana as deixas pela janela da caixa de sabão. O coronel, diretor da companhia, envia rosas às meninas, nos bastidores improvisados nos lavabos. O velho tonto, sempre a desejar:

— Parta uma perna...

O que ele quer é vislumbrar pela porta entreaberta uma nesga de carne jovem, a vestir-se para a cena seguinte.

Nos bastidores, há uma cumplicidade fraterna entre as atrizes. Arranja-se a fita do cabelo da Nela. Espalha-se uma poalha de *rouge* no rosto da Mariana. Sobe-se o decote da Adelaide, que esta noite também se estreia.

— Cuidado, Adelaide — aconselha uma atriz mais velha —, não abuses do charme ou o prior velho dedica-te a homilia, depois de amanhã.

Adelaide engole em seco e contempla-se ao espelho:

— Talvez um pouco menos de batom...

Em segredo, deseja que um encenador importante passe pela vila, a descubra, e a eleve ao estrelato, como nos filmes. Anseia conhecer a fama nas tábuas do Teatro Maria Matos ou do Coliseu, que jamais pisou. Porém, às vezes, um desses milagres acontece. Quando fazia de Dom Quixote, o Pedro foi visto por um diretor de uma companhia de Lisboa. O homem apaixonou-se pelo Pedrito — literalmente — e não é que leva o rapaz para a capital, e faz dele ator e amante?

Recordo também aquela ocasião em que o Mané do Engraxador beija a Julieta, isto é, a sonsa da Isaura, quinze aninhos bem torneados, a saltarem vestido fora. Foi lábios nos lábios, à francesa, com direito a carícias por todas as curvas. Nisto, o pai de Isaura salta da plateia e irrompe no palco para espetar um par de bofetadas ao Mané. Tudo num relance.

Cá em baixo, o pobre do ponto encolhia-se, não fosse sobrar surra para ele, que namoriscava mais as meninas do que o próprio coronel. Mal o progenitor vingado regressa à plateia, a peça prossegue: “the show must go on”. O Mané do Engraxador continua, muito corado, mas agora mais comedido na sua atuação. Adelaide vibra com estas histórias iniciáticas, contadas entre gargalhas.

Depois da peça, regresso aos bastidores, ao som dos aplausos, na pequena glória do teatro de província. Espera-me uma rosa congratulatória do coronel, dores na coluna, e duas notas que mal dão para as despesas. Na cruzeta, está o vestido com que, no dia seguinte, hei de servir bicas, no *Café da Praça*.

— Quem sou eu pai? — sorrio. — Diz-me: quem?

Esta noite, uma Antígona angustiada; amanhã, a Mãe Coragem. Atrás do pano, sem licença, vou de meretriz a rainha. Num passe de maquilhagem, num trocar de roupas ou de alma. Hoje, mulher; amanhã, um homem; depois, uma cadeira, como na peça do Pirandello. Todos os

géneros: feminino, masculino, neutro.

“— Romeiro, romeiro, Quem és tu?

— Ninguém!”

O coronel costumava dizer que aquela fala do *Frei Luís de Sousa* era a mais difícil de interpretar do teatro lusitano. Que o *ninguém!* podia ter muitos cambiantes — desde a amargura, passando pela indiferença, até à revolta.

Ainda há dias, um dramaturgo amigo falava-me do fascínio de *não* nos conhecermos:

— O teatro é um espelho. Se nos contemplarmos demasiado, transformamo-nos nas personagens. Escolhe a máscara que entenderes, Alice. Há de haver uma que te assenta melhor do que o teu próprio rosto.

Na semana seguinte, de novo as pancadinhas de Molière. Tum. Tum. Tum. Sobe o pano; a tensão escala; a adrenalina dispara. Entro em cena. Como é? Como dizia a didascália? Avanço três passos, na direção das luzes da ribalta, e vejo-me naquela solidão de atriz, fingindo ser outra.

Foram tempos árduos, no sul, pai. Depois de seis horas diabólicas atrás do balcão, memorizava o texto dramático, distribuído pelo coronel, em folhas policopiadas. Calhava-me um papel secundário, mas era melhor do que ser figurante, pensava. Com frequência, esquecia-me das deixas. O coronel bem que avisava:

— Alice, estuda-me essas falas, rapariga! E veja lá, Maria José, mais alma, para a próxima. E nada de atrasos, ouviram?

Não era só o pânico da representação. Apoquentavam-me também as superstições que toda a gente do palco teme, como o pescador receia a tormenta. Convém conhecer estas credices: pavão sobre o palco e a peça é um falhanço garantido; desejar boa sorte só dá azar; assobiar na noite de estreia tem resultado ruim! Soube mais tarde, em Londres, quando encenávamos a *Morte de um Caixeiro Viajante*, que a única solução para tal descuido é cantarolar qualquer coisa da *Broadway*.

Recordo-me dos meus primeiros tempos de estrelato. Eu, com vinte anos, em Londres, na capital europeia dos palcos, graças à bolsa de uma fundação! Eu, pasmada diante de Sir Olivier; muda ao visitar a casa de Shakespeare, em Stratford-Upon-Avon; a rir-me de *A Importância de se Chamar Ernesto*, em cena no Aldwych Theatre.

Ah, as casas de espetáculos, pai! O Criterion, o Haymarket, o Warehouse, o Octagon, o Drill Hall, o Shaw, o Riverside, o Royal Court, o Mermaid, onde o Peter me levou a ver a *Alice do Outro Lado do Espelho, adaptada a drama...* E aquele barquinho-teatro, no canal de Little Venice, onde “artistas rotos” — assim o Peter, o meu namorado irlandês, lhes chamava — davam alma a marionetas. Lembraram-me os bonequeiros de Buarcos, e por isso, no final, fui

cumprimentá-los.

— Por que te dás ao trabalho? — perguntava o Peter. — A peça pouco jeito tem.

— Peter, eles *são* eu! Buarcos em Londres! “Do you get it?”

Por uns tempos, naquele Outono, eu já não era Alice do outro lado do espelho, mas no país das maravilhas. O Peter era belo, pai, como um deus celta. Chamava-me “my little Portuguese brunette” e prometia-me o mundo, mesmo que o mundo só fosse um palco. Lembro-me bem da ternura com que me afastava das poças de água e se ria da minha tendência de olhar para o lado errado, nas passeadeiras. Era inevitável, pai: acabei na sua cama, numa casa antiga, geminada, com um telhado cheio de ninhos, em Holborn.

Amámo-nos até a luz cor-de-rosa da manhã cobrir os céus de Londres. Quando tudo terminou, na tristeza animal de que os latinos falam, o Peter pediu-me:

— Fala-me de ti, “my little Portuguese brunette”.

— Já sabes tudo...

— Sabes o que quero dizer. Por que nunca me falas da infância, da família?

Virei-me para o outro lado. Não lhe soube responder: faltavam-me as palavras, o guião, o que quer que fosse. O tempo é uma serpente que se mastiga a si própria, ingere a cauda, cada vez mais curta, até restar apenas um nó.

Em vinte anos, conheci os mistérios do amor, distingui os amantes pelo beijo, li-lhes a alma, debaixo da floresta dos peitos. Pisei palcos de cristal em Londres, Nova Iorque e Paris, e conheci atores que eram deuses disfarçados de humanos. Aprendi também como é difícil crescer de olhos enxutos. Depus moedas sobre os olhos dos amigos que partiam para lá do Rio Letes. Morriam no êxito e na pobreza, na fama e na lama. Ano após ano, chamei a morte pelo nome, e dei-lhe de comer à boca.

Não, não me esqueci de nada, pai. Quis dizer-te tudo isto, à mesa daquele café rasca, numa ruela de Buarcos. Dizer-te que as fadas usam batom e temperam de suor os palcos e têm memórias inefáveis. Mas não pude, pai, porque éramos massa do mesmo pão.

Paguei a minha bica e o teu bagaço. À saída, cerrei os olhos. Da praia vinha uma luz dolorosa — e o vento tudo varria.